



A VIAGEM SIMBÓLICA E FILOSÓFICA DE CECÍLIA MEIRELES¹

THE SYMBOLIC AND PHILOSOPHICAL JOURNEY OF CECÍLIA MEIRELES

Suzana Pereira Pacheco²

Artigo submetido em: 5 set. 2021

Data de aceite: 14 nov. 2021

Data de publicação: 20 dez. 2021

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise de algumas *Crônicas de viagem* da escritora Cecília Meireles, a poeta-viajante que desbrava histórias de povos, de civilizações e de seres fantásticos, evadindo-se ou sonhando. Suas descrições particulares do que vê apresentam um significado místico, logo, possuem uma linguagem simbólica, a qual Mircea Eliade (2008), caracteriza como transcendental, isto é, deslumbrante e elevada além de sua natureza física. Cecília Meireles vê o que está além da materialidade observada, por isso consegue reinventar vidas e voltar a si mesma, como meditação e como ascensão. Os relatos de suas viagens fazem parte da literatura sem fronteiras, pois dialogam com a História, com a Geografia, com a mitologia e principalmente com a Filosofia.

Palavras-chave: Viagem. Simbologia. Itinerário. Efêmero. Eterno.

ABSTRACT: This article presents an analysis of some *Crônicas de viagem* by writer Cecília Meireles, the traveler-poet who explores stories of peoples, civilizations and fantastic beings, escaping or dreaming. His particular descriptions of what he sees have a mystical meaning, therefore, they have a symbolic language, which Mircea Eliade (2008) characterizes as transcendental, that is, dazzling and elevated beyond its physical nature. Cecília Meireles sees what is beyond the observed materiality, and that is why she is able to reinvent lives and return to herself, as meditation and ascension. The accounts of his travels are part of Literature without borders, as they dialogue with History, Geography, mythology and mainly with Philosophy.

Keywords: Travel. Symbolology. Itinerary. Ephemeral. Eternal.

¹ Texto orientado pelo Prof. Dr. Luís Antônio Contatori Romano, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá-PA, Brasil. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestranda do Curso de Estudos Comparados, Culturais e Interdisciplinares em Literatura da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá-PA, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/2588234638504372> / <https://orcid.org/0000-0002-5301-2721>





INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisaremos algumas crônicas de viagem de Cecília Meireles presentes em seus três volumes de *Crônicas de viagem*. Isto se justifica pelo fato de a poeta-viajante transformar as suas próprias viagens reais em viagens simbólicas e filosóficas, produzidas pela imaginação e pela contemplação. Analisando seus relatos, procurar-se-á decifrar essa linguagem simbólica que as viagens apresentam para e por meio das descrições históricas e geográficas desta escritora.

As crônicas de viagens de Cecília Meireles propõem, de modo literário, significações que exigem de seus leitores um olhar mais aguçado, atento aos pormenores que partem de suas descrições imaginárias, as quais são mais repletas de significados do que as próprias descrições palpáveis do espaço. É como se duas Cecílias Meireles coexistissem ao mesmo tempo: uma **real**, deslocando-se fisicamente, e outra ficcional, locomovendo-se pelas paisagens intangíveis, mostrando-nos algo que só ela vê e ouve, como um dom divino.

As viagens de Cecília Meireles são como uma partida rumo ao infinito, pois representam uma busca pela eternidade no momento presente. O tempo eterno do aqui e agora é acessado pela escritora que aprendeu a distinguir o passageiro do permanente. Sua procura bem-aventurada ultrapassa nossa materialidade visível, tendo em vista seus deslocamentos etéreos, por isso ela diz que sente uma certa ausência do mundo, o que não é defeito, mas uma qualidade valorosa para uma viagem metafísica.

Mircea Eliade (2008) profere sobre a natureza emblemática das coisas, as quais se tornam sagradas quando são simbólicas. Essa simbologia que Eliade propõe como sagrada possui um significado porque o símbolo sagrado e o seu objeto representado não estão no mesmo plano ou mundo, como



magnificamente explica Platão (2017) em sua alegoria sobre a caverna, ao falar das coisas que habitam o mundo sensível (visível, material) e o mundo inteligível (das ideias, da razão). No mundo sensível estão as coisas profanas, já no mundo inteligível habitam as coisas sagradas.

Nas crônicas de viagens de Cecília Meireles, temos as suas descrições do mundo sensível, onde ficam as coisas efêmeras, que são visíveis a todos na viagem, e também do mundo inteligível, no qual ficam as coisas eternas ou a essência dessas coisas, as quais a escritora é capaz de contemplar de modo particular. Para chegar a esse mundo das ideias, Cecília realiza uma jornada simbólica e filosófica, através de um rito de passagem, saindo do plano físico, de sua viagem concreta, para o plano metafísico, de sua viagem abstrata.

Nas descrições geográficas dos espaços físicos percorridos pela poeta são acrescentadas suas recordações históricas desses lugares, as quais recriam um ambiente filosófico, onde o tempo é reversível e transformador. É nesse processo reminescente que Cecília Meireles viaja no tempo, é quando o passado se torna presente.

CECÍLIA MEIRELES E A REINVENÇÃO DA VIDA PELO ITINERÁRIO

O itinerário realizado por Cecília Meireles em suas viagens é circunstância proveitosa para reinventar a vida, não apenas a sua, mas também a dos seres animados e inanimados que vê. Sua aventureira viagem inicia na saída de casa, que é seu ponto de ancoragem. E nos meios de transporte, os quais nada significam para os turistas, além de condução ao seu destino, Meireles nos apresenta o início de sua jornada artística, na qual recria com originalidade o que já existe. Em uma de suas viagens de trem entre duas cidades de Minas Gerais nos idos de 1944, a poeta descreve o que observa pela janela do vagão na crônica *Cheguei a Belo Horizonte*: as nuvens, os animais, os vagões. Todos são reinventados, de modo quase artesanal, elaborados por meio de metáforas e personificações que adentram sua excursão de textos e intertextos:

Nessa hora eu via as nuvens. Umam eram enormes, de uniforme cinzento, e vigiavam os quatro pontos cardeais. Outras eram brancas, e via-se logo que eram meninas, pelo feitio dos vestidos e os laçarotes que levavam por todos os lados. Havia também os rapazes, desgrenhados, de braços compridos, com o pescoço esticado para a alameda azul onde passeavam as nuvens-meninas. E sentados nos bancos do céu estavam os velhos barbados, muito barbados, com ares de São

José, e a roupa também barbada pelas beiras, de onde concluí que eram os pobres de Ozanam que estavam reunidos para homenagear Belo Horizonte lá de cima. Isto porque havia um jornal dançando na minha frente, e o jornal dizia “Amanhã é o dia dos mendigos. Todos vamos dar dinheiro para os pobres de Ozanam, que falta lhes fazem, senhores, cinco ou dez cruzeiros? Pois todo esse dinheiro junto vai acabar com os mendigos de Ozanam”. E eu pensava: “Na certa é a comissão de mendigos que está reunida no céu. Que outro lugar poderia servir de ponto de encontro para os mendigos?” E os velhos barbados desmanchavam-se, encostavam-se uns aos outros, parecia que cochichavam, – deviam estar preparando o discurso da festa, ou alguma rapsódia que iriam recitar, porque se via que eram da estirpe de Homero, solenes e naturais, ao mesmo tempo, e muito gastos pelos séculos, e com uma serenidade eterna. (MEIRELES, 1998, p.203-204)

Nas viagens da poeta, vários passageiros embarcam sem um bilhete de entrada, já que fazem parte apenas de seu mundo onírico, ainda que tenham existido historicamente, como Ozanam, intelectual francês do século XIX que dedicou sua vida em favor dos pobres, sendo beatificado em 1997 por João Paulo II, na catedral de Notre Dame. Homero, o grande poeta grego também é intertextualizado nessa e em várias de suas crônicas de viagens. Aliás, Cecília Meireles faz inúmeros intercâmbios com a mitologia grega em suas obras.

Enquanto uns nada veem neste percurso a Belo Horizonte, a poeta ali, parada, adentra um ambiente bucólico, observando os povos das nuvens e as criaturas campestres. O caminho literal a Belo Horizonte é descrito por meio de conotação poética, literariamente percorrido pelos devaneios da poeta:

Notei então que chegavam harpas voantes, com suas cordas feridas pelo vento, e ouvia-se um sussurro muito ameno, e as árvores, olhando para aquelas festas brancas, tão fluidas, tão altas, abraçavam-se ao longo da rua, com seus cabelos verdes muito frisados, extremamente abundantes, e de corte cúbico.

Sacudi também a minha cabeça, para despertar, – pois eu bem sabia que ainda estava dormindo – mas a cabeça que eu sacudia estava à janela, como um travesseiro ao sol – e a que tinha de ser acordada ainda estava no caminho, num pasto imenso, onde vi uma grande reunião preta e branca de vacas holandesas conversando assuntos particulares de leite, manteiga e queijo. (MEIRELES, 1998, p. 204)

Esses relatos da escritora imprimem valores sentimentais às paisagens, e não só geográficos e pertencentes a uma região particular. Afinal de contas, “as viagens são o que elas produzem na cabeça do sujeito que as faz, são como se arrumam as coisas vistas, a sensação dessas coisas, os sentimentos e as impressões sobre elas” (GOUVEIA, 2007, 112). A viagem, portanto, por mais coletiva que seja, também é particular e solitária. Porque viajar é outra forma de reinventar, recriando espaços e atualizando os fatos.

Os pontos turísticos dos itinerários da cronista também são feitos e refeitos. Eles não são meras metas a serem alcançadas e arquivadas em fotografias, são espaços de consagração a serem visitados já que possuem uma história e representam uma memória. No entanto, a história dos lugares para ela não se refere apenas a acontecimentos do passado, pois cada objeto que represente algum episódio memorável possui a magia para recriá-lo.

Em *Museus da França*, Cecília Meireles reconstitui a história conservada pelos objetos preservados nos museus franceses, os quais para ela são vistos de modo mais significativo no momento em que os museus fecham suas portas. É quando as coisas em seu interior criam vida e podem ser vistas sem a presença dos turistas e do guia. Este, que insiste em falar da existência das coisas presentes ali dentro em um tempo verbal passado, dignas de serem lembradas apenas pelas histórias das quais fizeram parte, sendo, portanto, apenas representatividade de um tempo que ficou para trás. Para Cecília Meireles, esse tempo efêmero dos turistas e do guia torna-se um eterno presente à medida que a existência das coisas é contemplada de forma imutável, o que é possível de acontecer somente a partir de uma outra viagem: a rememorada:

O museu fecha-se com sua vida verdadeira, com suas lembranças, com seus medos, com suas saudades. Então, sim, é que vale a pena imaginá-lo: com os fantasmas saindo das paredes e respirando o seu grato perfume de mofo que os visitantes corrompem com variadas essências; com as sedas deslizando cariciosamente pelas escadas – tão doloridas, em suas cores mortas, tão ricas de pensamento, em cada franzido e em cada babado; com os dentes dos duques e dos condes – grandes caçadores, grandes comilões, grandes artríticos – luzindo à claridade das tochas, nas amplas salas de jantar; com os anéis estremecendo, nas pequenas mãos das damas de corte; com a fumaça das terrinas subindo e invadindo tudo, entre o vozerio dos cozinheiros e as exclamações das criadas. (MEIRELES, 1998, p. 288)

É assim que Cecília Meireles também frui de seus itinerários, realizando comunicações sensíveis entre o olhar e o visto, entre o observado e o recordado. Essa reinvenção do passado histórico exige dela uma outra viagem, que é feita em suas reminiscências. É o outro deslocamento que a escritora faz, percorrendo a memória e trazendo à luz o seu conhecimento sobre a história dos lugares visitados, de seu povo, de sua cultura, de suas ideias filosófico-religiosas e de sua geografia. É neste sentido que ela conduz em suas viagens uma bagagem cultural além da material, e desse modo consegue reviver a História, para recontá-la posteriormente em suas crônicas de viagem.

Essa bagagem vem da instrução que tivera desde a infância, em meio a histórias reais e fantasiosas de sociedades diversas e seres aos montes e, da qual durante toda a vida procurou apreender. A escritora-poeta vive em meio a seres humanos e lendários. “Antes das viagens reais, realizava viagens imaginárias como observadora atenta do mundo à sua volta, leitora, tradutora e escritora também de literatura infantil, que compuseram o filtro a partir do qual dialoga com as culturas estrangeiras que visita” (ROMANO, 2014, p. 29). Cecília Meireles viajava conscientemente preparada para se deparar com povos de culturas diferentes, por isso, em suas crônicas, não vemos comparações absurdas entre o estranhamento dos lugares visitados e o habitual observado, como fazem os turistas.

Essa reinvenção histórica da poeta ocorre também em *Ainda Nápoles*. Nela, Cecília Meireles percorre a cidade de Pompeia, destruída com a erupção do vulcão Vesúvio, no ano de 79 d.C., quando a cidade portuária ainda pertencia ao Império Romano. Agora, esta é um sítio arqueológico que os cientistas buscam reconstituir, sem, contudo, reanimar. É mais uma cidade turística da Itália, que atrai inúmeros visitantes felizes em ver suas ruínas, mas sem lembrarem ou sentirem a aflição dos moradores enquanto a erupção os consumia, junto com suas casas e com seus sonhos. O imprevisível e impetuoso Vulcano³, não se sabe o porquê, desferiu desumanamente angústia e mortificação sobre a cidade e seus habitantes. Mas Cecília Meireles faz Pompeia renascer das cinzas, quando se projeta há quase dois mil anos, momentos antes do cataclismo vulcânico, renovando edificações, cotidiano e as vidas camufladas nas cinzas e modeladas no gesso:

A grande aflição é pensar-se que, naquele dia de agosto do ano de 79, quando Vesúvio começou a atirar, por entre os seus vinhedos e florestas, a chuva de cinza e pedra que afogou esta cidade e a vizinhança, os habitantes destas ruas, os frequentadores deste Fórum, deste Anfiteatro, destes templos, os proprietários que tinham mandado pintar suas casas, os

³ Vulcano é o deus do fogo e dos vulcões na mitologia romana (o Hefesto da mitologia grega). E Pompeia foi destruída por um vulcão, o Vesúvio.



artistas que só se ocupavam de seus ofícios, os tintureiros que estavam entretidos com as cores dos panos, as moças que cuidavam de seus amores, e os velhos que tinham alguma esperança de fazer um bom negócio, de curar qualquer doença, de ver cumprido algum voto, ou de obter alguma vitória política, – todas essas criaturas, sem falar nas crianças que pulavam nestes jardins, nos animais que puxavam seus veículos, nos cães que guardavam o tesouro de seus amos (“Cave canem!”) foram envolvidas por aquela chuva, sem tempo para perguntas nem despedidas, com a boca tapada pelos vapores sulfurosos, e uns ficaram ali de bruços, outros de costas, uns com a sua cestinha de figos, outros com as suas chaves, com as suas jóias. E devia ser um grande dia de sol, deste sol que nos envolve, e tudo devia brilhar festivamente como agora, na paisagem verde e azul. (MEIRELES, 1998, p. 67-68)

A poeta-viajante conhecia bem a história de Pompeia antes de visitá-la, por esse motivo a reinventa poeticamente. Romano argumenta que isto se dá por ela se inspirar em histórias ouvidas e lidas, em cenas da cidade vistas em afrescos, em ruínas de casas e demais edificações, presentificando nesta sua viagem e nesta crônica os afazeres e as esperanças cotidianos do povo pompeiano “nos dias que precederam o seu triste destino” (ROMANO, 2014, p. 157).



Figura 1: Cecília Meireles no Jardim dos Fugitivos de Pompeia (BRASII, 2021)

Nesta crônica, a poeta se atenta para as paisagens em ruínas, teletransportando-se imaginariamente àquele dia e reprisando uma experiência cotidiana de Pompeia antes do momento fatídico transcorrido. Ela mostra novamente que por trás do tempo pretérito há sempre uma história que merece ser revivida, pois há sempre alguém que nos deixou lembranças capazes de nos fazer compreender sua vida e a nossa própria história, assim como um mito. Assim como “Helena e Andrômeda continuam a sorrir, e Hércules e Príamo continuam a lutar, malgrado seus donos estarem perdidos no pó, e seus pintores, e os que um dia pararam diante destes quadros recentes, para fruïrem a sua beleza” (MEIRELES, 1999, p. 70).

Para a cronista, como bem enfatiza Medeiros, “em seu conjunto, todos os seres, todas as coisas latejam, crescem, brilham, se multiplicam e morrem, num constante fluir, perecer e renovarem-se” (MEDEIROS, citado em LÔBO, 2010, p. 70). É uma reflexão altruísta da poeta em pensar a eternidade, a reinvenção ou a renovação não somente como virtude humana, mas como dádiva distribuída a tudo o que se decompõe pelo tempo, pela história, mas que se perpetua por resquícios de memórias:

Mas é como se todos estivessem para sempre vivos, e as águas cantassem, e os banhistas fossem para as termas e as famílias se preparassem para algum espetáculo, hoje à noite, e os políticos estivessem ativamente preocupados com suas eleições, e os meninos desenhassem e escrevessem pelos muros suas torpezas, e as flores desabrochassem nos jardins e os homens bebessem pelas tavernas. Tudo está presente, não apenas os mortos que foram moldados na sua cinza. Tudo está vivo e feliz, redimido pela rude morte. (MEIRELES, 1998, p. 70)

Mircea Eliade, em *O mito do eterno retorno*, argumenta que “qualquer território ocupado com vista à fixação ou à sua utilização como espaço vital é previamente transformado de caos em cosmos, isto é, por um ritual, é-lhe conferida uma forma que o torna real” (ELIADE, 1969, p. 26). Esta afirmação resume o que as paisagens nativas e estrangeiras significam para a poeta-viajante: espaço de vida. Neste espaço, a desordem, a destruição e o nada são transformados em ordem, edificação e beleza no universo místico de Cecília Meireles por um ritual realizado entre o seu olhar e o seu lembrar.

A ELEVAÇÃO TRANSCENDENTAL DE CECÍLIA MEIRELES

A arte de viajar é uma arte de admirar, uma arte de amar. É ir em peregrinação, participando intensamente de coisas, de fatos, de vidas com as quais nos correspondemos desde sempre e para sempre. É estar constantemente emocionado, – e nem sempre alegre, mas, ao contrário, muitas vezes triste, de um sofrimento sem fim, porque a solidariedade humana custa, a cada um de nós, algum profundo despedaçamento.

(Cecília Meireles)

A linguagem poética das crônicas de Cecília Meireles exprime todo o simbolismo de suas viagens peregrinas. Segundo Gouveia, a poeta-viajante se desliga da materialidade já no percurso da viagem, dando sentido ao espaço percorrido, apegando-se ao imaginário, ao etéreo e invisível aos olhos do turista, à medida “que funde o sensitivo com a fantasia, o concreto com o abstrato, amalgamando os sentidos num fluido indiferenciado de visões, sabores e tato, com evidente sentido espiritualizante” (GOUVEIA, 2007, p. 114). Esta é a metáfora da sua transcendência, porque, segundo Campbell, “transcendente significa propriamente aquilo que está além de todos os conceitos (além do tempo e do espaço)” (CAMPBELL, 1990, p.65). Para transcender ou elevar-se mentalmente, Cecília Meireles passa de uma viajante concreta para uma viajante abstrata, a qual já não ouve mais o que os cicerones gritam aos turistas, porque ela já está a milhares de quilômetros longe destes, está aonde quer que seu imaginário permaneça, mesmo que seu corpo ainda esteja ali no plano material, percorrido pelos excursionistas.

Entretanto, essa transformação de um ser a outro exige um rito de passagem, ação comum nas sociedades primitivas. A função dos ritos, segundo Campbell, “sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás” (CAMPBELL, 2007, p. 21). Os itinerários de Cecília Meireles, especialmente os aéreos, além de reinvenção simbolizam tais ritos de passagem, já que ela os explora por meio de uma abundância de referências, metáforas, personificações e sinestésias, elementos que representam a entrada para o seu próprio mundo mitológico, através do meio que a transporta, que é o avião:

Entretanto, no avião, há dois tipos de passageiros: os que buscam permanecer presos ao mundo sensível, para isso abrem livros e revistas, e os que apenas contemplam o afastamento da terra e a aproximação do plano celeste, onde as nuvens passeiam de mãos dadas e se reúnem em assembleias, imagem que pode sugerir uma espécie de mundo transcendente, do qual se aproximam os viajantes, metáfora para o êxtase poético da cronista. (ROMANO, 2014, p. 10)

Da sua imaginação ou reminiscência parte a sua transição do mundo material, citado por Platão no *Mito da caverna*, para esse mundo transcendente projetado por seu olhar distinto e por sua fértil imaginação, onde habitam as ideias sagradas de Mircea Eliade. Essa fuga do mundo material e profano no deslocamento da viagem é o início da jornada mitológica e filosófica de Cecília Meireles. Ela realiza uma viagem interior em uma viagem exterior, abstrata e concreta, portanto, como fazem os verdadeiros filósofos. O seu chamado para essa aventura, proposto por Campbell em *O herói de mil faces (2007)*, parte de sua própria vontade e disposição em viajar, seja por motivos pessoais, eruditos ou profissionais, deixando para trás tudo o que possa lhe impedir de se elevar: suas aflições, problemas, queixas e bens materiais.

E, ao entrar no veículo, a peregrinação da poeta itinerante tem início, assim como a de *Alice no país das maravilhas*, ao cair na toca do Coelho, assim como a de *Teseu*, ao embarcar rumo ao labirinto do Minotauro e assim como a do prisioneiro da caverna de Platão, ao se inquietar diante das repetições de sombras e ecos que o mantinham aprisionado. Cecília Meireles é conduzida a um outro plano, cheio de imagens abstratas, como os sonhos, e indaga se somente ela consegue ver este outro mundo:

E o companheiro pergunta: "Você já acordou?" E eu respondia: "Ainda não. E você? E ouvia: "Eu estou sempre acordado. Só você é que dorme em pé". E eu lhe perguntava muito de longe: "Mas você não está sentindo a sua cabeça em Juiz de Fora ou em Barbacena ou em Itabirito?" E ouvia: "Não. Só você é que deixa a cabeça de vez em quando fora do lugar.". E eu tornava: "Mas a sua cabeça não está nem ali do outro lado da rua? Você não está sentindo que não tem pés? Não está com o braço despregado, os olhos caídos num vale, o coração assim esparramado pelas montanhas...?"

Então fomos andando, e eu tratava de chamar os meus pedaços separados. Mas quem diz que vinham? Tudo alado, galopando por amplidões verdes, por amplidões de cristal, por amplidões de nada... (MEIRELES, 1998, p. 207)

Nesse momento da viagem, Cecília Meireles já está em outro nível de consciência, alcançado por essa sua outra forma de meditar, já que não se tratava de sonhos da poeta, mas sim de experiências sensíveis ocasionadas pelo seu alheamento às coisas profanas ao seu redor. Essa é a sua grande tarefa nessa jornada simbólica: "(...) o rompimento bastante rigoroso, por meio do qual a mente é afastada de maneira radical das atitudes, vínculos e padrões de vida típicos do estágio que ficou para trás" (CAMPBELL, 2007, p. 21). Em *Direção leste*, viagem aérea sobre o enigmático Egito, a poeta-viajante descreve esse desprendimento das coisas passageiras, no qual toda a substância palpável é deixada para trás, assim como na morte, restando no ser humano apenas o que há de comum entre todos, a essência:

E, nessa repentina mudança, apenas o que há de universal, em nós, se conserva intocável em seu equilíbrio, pois de tudo estamos despojados: de família, de amigos, de pátria, de língua, de repercussão. Enquanto os companheiros dormem, sob a primeira claridade do Oriente, entretenho-me com o pensamento de que, depois da morte, deve ser assim que os homens comparecem à presença de Deus. (MEIRELES, 1998, p. 153)

Os meios de transporte, portanto, conduzem Cecília Meireles em sua jornada a esse mundo de abstrações, da mesma maneira que o coelho branco conduz Alice ao país das maravilhas, assim como Ariadne conduz Teseu, com seu fio condutor, no labirinto do Minotauro, e tal como o desatar das correntes conduz o prisioneiro da caverna de Platão para fora de seu cativeiro. Isto porque os mitos particulares e coletivos precisam de elementos palpáveis e visíveis do mundo profano para transmitir a mensagem simbólica do mundo das ideias. No entanto, para que esses elementos sejam vistos, ainda que se tenha olhos, é necessário, segundo Platão (2017), que haja luz sobre eles. E essa luz deve emanar de cima, diretamente do sol para que sejam vistos com clareza e inteligência. Os elementos simbólicos, portanto, precisam ser decifrados à luz da razão, que nem o enigma da Esfinge.



A enigmática Cecília Meireles não vê apenas o que querem que ela veja, ela vê além da materialidade observada por sua janela da alma, captando a essência de cada objeto e buscando uma experiência de estar viva. E essa experiência no plano físico, segundo Campbell (1990), deve ter ressonância na realidade e no interior de cada ser, de modo que ele tenha prazer nesta ação e por um momento sinta, através dela, o enlevo de estar vivo.

E Cecília Meireles sente prazer em viajar, por isso seus itinerários revelam a **hierofania** de Eliade (2008) que é a manifestação sagrada de transferi-la espiritualmente para esse alto nível de consciência, que é o deleite da existência, longe das coisas fugidias. O itinerário aéreo, no que lhe concerne, eleva-a verticalmente para esse plano metafísico e filosófico, por conta disso sua aeridade, segundo Gouveia (2007), pertence tanto ao mundo concreto quanto ao mundo abstrato.

A aeridade concreta da poeta é a própria ação de deslocamento por meio do elemento palpável e explícito que é o avião, representando uma efêmera viagem. Já a aeridade abstrata é o desprender-se de toda essa individualidade e materialidade do mundo visível, ligando-se ao mundo fantástico e sublime, simbolizando a eterna viagem do voltar-se para si mesma pelo ato de meditar. E de acordo com Campbell, “é para isso que serve a meditação. Tudo o que diz respeito à vida é meditação” (CAMPBELL, 1990, p. 15).



Figura 2: A aeridade de Cecília Meireles (BRASIL, 2021)

Sobre a aeridade, Campbell, em sua obra *O poder do mito*, revela que “as aeronaves estão muito a serviço da imaginação. O voo da aeronave, por exemplo, atua na imaginação como libertação da terra. É a mesma coisa que os pássaros simbolizam, de certo modo” (CAMPBELL, 1990, p. 19). É o que elas significam para Cecília Meireles: libertação. Enquanto ela realiza o itinerário aéreo, não pensa mais na terra, volta para si mesma, conduzindo-se literalmente e literariamente para uma dimensão metafísica. É uma viagem sobrenatural na sua própria viagem tangível. Essa passagem nos é revelada sempre por meio de uma

linguagem poética e profunda das alturas. Na crônica *O avião*, Cecília Meireles relata novamente o seu afastamento da terra, e quanto mais ela se afasta, mais se eleva:

A terra ficou subitamente muito longe. Naquele abismo vertical, a sombra do avião é do tamanho de um automóvel, de um sapato, de um lápis...

As dissensões da terra, a inveja, o ódio, a malícia, todas as coisas que separam e, ao mesmo tempo, unem os homens e, para quase todos, constituem a razão de ser da vida, não têm fundamento nem importância para o viajante suspenso a tantos mil metros, transportado a tantas centenas de quilômetros por hora...

Os próprios sentimentos delicados, o amor e a amizade passam a um plano cerebral abstrato.

Desumaniza-se, o viajante, ou sobre-humaniza-se? (MEIRELES, 1998, p. 264)

O avião, para ela, adquire aura de recinto sagrado, e no interior dos recintos sagrados, conforme Eliade, o mundo profano é transcendido: "(...) essa possibilidade de transcendência exprime-se pelas diferentes *imagens de uma abertura*: lá, no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses" (ELIADE, 2008, p. 29). Assim sendo, este meio de transporte aéreo se torna uma porta, por onde os homens podem subir simbolicamente ao Céu, como faz Cecília Meireles.

Por isso, longe das coisas terrenas, o viajante desumaniza-se, abandonando sua parte material, que é humana, tornando-se um ser puramente espiritual. E também sobre-humaniza-se, porque ao afastar-se do que é profano e ilusório, compreende o que nele é imutável, tornando-se um ser humano elevado, acima da própria humanidade, assim como o próprio buda Sidarta Gautama, ao renunciar ao trono e alcançar o nirvana, que também é eterno, isto porque:

(...) a eternidade não é um tempo vindouro, não é sequer um tempo de longa duração. Eternidade não tem nada a ver com tempo. Eternidade é aquela dimensão do aqui e agora que todo pensar em termos temporais elimina. Se você não atingir aqui, não vai atingi-la em parte alguma. (CAMPBELL, 1990, p. 70)

De acordo com Romano (2014), essa aeridade ceciliana possui esse sentido existencial-espiritual por estar relacionada com o olhar da poeta, um olhar particular que torna possível que as coisas vistas anteriormente se tornem estranhas. Estranhamento esse que beira o misterioso e o inefável. Logo, a trajetória aérea da poeta, de fato, é simbólica e filosófica, contribuindo para que a cronista se eleve espiritualmente; há nela a busca pelo divino e pelo celeste, presentes no mundo das ideias inabaláveis, onde não há perdas e nem suplícios, por isso a necessidade de se ausentar do mundo dos sentidos para nele adentrar. Na crônica *Vôo*, a poeta sente a liberdade proporcionada por essa ascensão solitária. Ela “sabe que se vai desprender do chão, entre as certezas da Física e os mistérios da Sorte” (MEIRELES, 1998, p. 267), já que todo itinerário apresenta seus perigos, mas ela também sabe que neste momento já é só memória:

Subimos tanto, subimos tanto que quase sentimos cada degrau dessa escadaria aérea da solitária ascensão.

Todos tornaram a adormecer. Por isso não vêem o fabuloso país que percorremos...

O viajante acordado pode pensar na terra firme; recordar a altura a que se encontra; ver no relógio como é tarde, no tempo humano; sentir o perigo que o cerca. E no entanto, no entanto... – a tardia hora, muito além do mundo, – quando todos o ignoram, quando ninguém é capaz de adivinhar o que ele está vendo, a vida estranha que está vivendo ali, – inspira-lhe um sentimento maravilhoso e terrível de liberdade, como só se pode sentir talvez na morte.

Os outros vão dormindo nas nuvens. O viajante acordado não sabe mais de sono, de corpo, de medo, de si. Pura memória, na infinita solidão... (MEIRELES, 1998, p. 267-268)

O Itinerário, portanto, pode ser agradável, como é para Cecília Meireles, ou perturbador, como é para alguns turistas. Por ser agradável, a viajante brasileira vai meditando. Quando ela se identifica com o símbolo de elevação da sua viagem, que é o avião, consegue se equilibrar e alcançar o intangível. Costumeiramente, esse percurso aéreo não tem significados para os turistas, que não dão muita importância a ele, apesar de os levarem até onde desejam chegar, por isso dormem e nada veem:

Agora, porém, os viajantes não querem gastar seus olhos nos caminhos. Que caminhos existem no ar? – Perguntariam. Que se pode ver nesses longos campos onde apenas alguma

nuvem flutua, alguma estrela brilha? Onde às vezes tudo é cinzento, inexistente, cego?

As cortinas não se abrirão, por mais que a Aurora desfolhe suas rosas, por mais que o Mediterrâneo envie suas mensagens clássicas aos céus altíssimos. Por mais que estejam, entre os braços da Aurora todas as mitologias e teogonias.

Os viajantes viram a cabeça para o outro lado da almofada, para que a luz não bata nos seus olhos. Os viajantes continuam a dormir. (MEIRELES, 1998, p. 269-270)

Esses outros viajantes são aqueles prisioneiros da caverna de Platão, os quais não veem a ilusão na qual estão inseridos, já que seus olhos estão voltados para o que está envolto em escuridão, para aquilo que nasce e morre. São pessoas, segundo Platão, que alimentam apenas opiniões e se alimentam de opiniões, por isso revirando-as de todos os modos parecem “como que estultas” (PLATÃO, 2017, p. 231), preferindo não se arriscarem no caminho rumo à libertação. Enquanto isso, a poeta se expõe aos possíveis perigos dessa aérea predestinação. Mesmo passando uma *Madrugada no ar*, consegue calar as lembranças desagradáveis do pensamento e do mundo que ficou para trás, não se privando de contemplar as paisagens e nem de vivenciar os momentos presentes ali e naquele instante:

Porque viajar é ir mirando o caminho, vivendo-o em toda a sua extensão e, se possível, em toda a sua profundidade, também. É entregar-se à emoção que cada pequena coisa contém ou suscita. É expor-se a todas as experiências e todos os riscos, não só de ordem física, – mas, sobretudo, de ordem espiritual. Viajar é uma outra forma de meditar. (MEIRELES, 1998, p. 269)

O tempo presente, no fim das contas, é o único que importa para ela, por isso é o tempo vivido em suas viagens, evidente em suas reinvenções e eternizado em suas crônicas, mesmo representando a recordação de sua jornada. A região desconhecida que adentra está em seu profundo estado onírico, onde habitam seres personificados e polimorfos, independentes do tempo cronológico de sua viagem concreta. Dessa forma, ela reinventa o passado e não se preocupa com o futuro, o que tem importância é estar ali e naquele eterno instante. Conforme Romano, “o tempo ceciliano flui, como tempo histórico e cronológico, e, às vezes, perdura na memória, recortado e paralisado, seja no instante de contemplação, seja na criação poética, ganhando, por ambas as vias, dimensão vertical” (ROMANO, 2014, p. 246).



Mas não é apenas nos itinerários que Cecília Meireles se eleva, isso ocorre também no seu ponto de ancoragem estrangeiro, que é o hotel, posto que este ainda faz parte de sua jornada desconhecida e transcendente. Nele, a poeta continua a viajar, meditando e conduzindo o seu olhar a testemunhar o que as janelas podem transmitir. Em *Janelas de hotéis*, ela revela o que seus sentidos captam, após atingir uma certa altura. As janelas simbolizam um outro rito de passagem, uma outra porta interdimensional:

Relembro a minha janela sobre o Central Park: tão alta, tão alta, que dava a medida do mundo vertiginoso a que pertencia. Mas o sossego das árvores, mas os vultos humanos que se moviam naquela profundidade, e que pareciam todos infantis, amenizavam os tumultos e ruídos: a vida era como submarina, distante e silenciosa. A altitude criava um clima de ausência, de renúncia, de isenção, como o que se experimenta nas viagens aéreas. Toda a enorme grandeza que se dissolvia, contemplada tão de cima. E a paz que resta, abolidos os fenômenos e as ilusões... (MEIRELES, 1999, p. 267)

Ao olhar pela janela do hotel, Cecília Meireles sente novamente a ausência do mundo, como se tudo o que lhe fosse mundano houvesse ficado lá embaixo, longe de sua agora elevada localização. Olhar de cima, para ela, é olhar sob a luz da razão, percebendo o quão pequenas são as coisas concretas pelas quais a humanidade compete com satisfatório frenesi. Para Romano, o olhar de Cecília Meireles transita “entre o comum e universal e o mágico e singular: ao ver as semelhanças, aproxima mais o olhar para vislumbrar diferenças, que, no fundo, são ainda semelhanças” (ROMANO, 2014, p. 41). Esse olhar de viajante que metamorfoseia o elemento material em imaterial porque já não é mais somente o que se observa, como também com o que se identifica e se completa.

Em *Ainda os museus*, Cecília mostra todo seu alheamento com o que é mostrado e com o que é dito pelo cicerone. Sua capacidade de observação cria uma mágica identificação com o que é visto e não com o que a permeia, por esse motivo não aceita como verdade o que lhe é dito, se por ela não foi visto:

Bem sei que não sou capaz de ver nada do que me mostrem, nem de entender nada do que me expliquem. Tudo quanto aprendi até hoje – se é que tenho aprendido – representa uma silenciosa conversa entre os meus olhos e os vários assuntos que se colocam diante deles, ou diante dos quais eles se colocam. Nessa atmosfera de confiança, tudo me parece



penetrável e inteligível. Mais tarde, em silêncio maior, a conversa continua, e é simplesmente um profundo monólogo. O que resulta de tudo isso, é, para mim, a aprendizagem. (MEIRELES, 1998, p. 291-292)

Desta forma, esta escritora de *esfinges* frui de seus itinerários até seu retorno ao lar, por possuir uma característica típica dos viajantes: o olhar insólito. Este é o seu elemento simbólico, pelo qual a poeta reinventa vidas e pelo qual transcende. Cecília Meireles é o arquétipo desse olhar singular, o qual se diferencia dos demais por sua raridade e magnificência. Ela, em meio a turistas, transfigura-se em viajante, principalmente por essa sua competência de olhar o que está a sua frente e ver o que está além do observado, apesar de muito já ter sido visto e por olhares diferentes. “Embora já vistos, a cronista faz em torno deles uma viagem interior, que transpõe em linguagem altamente literária” (ROMANO, 2014, p. 45).

Por essas suas características de autênticos viajantes, percebemos que as invenções histórico/temporais do século XX não conseguiram extinguir a Literatura de Viagens, pelo fato de ainda haver viajantes que se distinguem dos turistas. Enquanto os turistas querem apenas chegar ao seu destino para ver seus pontos turísticos e eternizá-los em uma fotografia, os viajantes, como Cecília Meireles, querem viajar, e apreciam silenciosamente cada momento da viagem, absortos em reminiscências sobre os lugares, suas culturas, seus costumes e seu povo.

A poeta-viajante, mesmo distante da terra, é capaz de testemunhar acontecimentos memoráveis, contemplando-os solitária e impassivelmente em seu movimento – que se dá pelo meio de transporte – e ao mesmo tempo repouso, em seu ato de meditação. Considerando-se que:

O ponto central do mundo é o ponto em que o repouso e o movimento se encontram. Movimento é tempo, mas repouso é eternidade. Ter consciência deste momento da sua vida como um momento de eternidade, vivenciar o aspecto eterno do que você está realizando no plano temporal – essa é a experiência mitológica. (CAMPBELL, 1990, p. 93)

No dizer de Campbell, Cecília Meireles é um ser mitologizado porque quando alguém se “torna modelo para a vida dos outros, a pessoa se move para uma esfera tal que se torna passível de ser mitologizada” (CAMPBELL, 1990, p. 16). Ela é a heroína mitológica de sua própria aventura, pois lança-se em uma busca que só é alcançada se houver, de fato, o ausentar-se deste mundo material e profano, a partir de um rito de passagem, que se dá por meio de um mito particular ou coletivo, isto é, de um sonho ou devaneio, ou ainda de um conselho. E este mito

da poeta “é o estado em que se dorme e a psique entra em contato com a vida particular. O sonho é uma fonte inexaurível de informação espiritual sobre você mesmo” (p. 42), isto é, sobre ela e sobre cada um de nós. Em sua crônica *Sem título*, Meireles resume a sua viagem mística:

Tudo é como um chamado, um aviso, um apelo, um convite à aventura mágica do espírito. Apenas essa eloquência é completamente inefável: transmitida em silêncio e em segredo, como revelação ou iniciação. Incomunicável de outra forma, já que a sua natureza mística impede explicações racionalistas. (MEIRELES, 1999, p. 175)

Cecília Meireles, seguramente, estava habituada com a morte e com a relação entre as coisas efêmeras e eternas. E sabia como os grandes sábios que a jornada filosófica da alma não poderia ser explicada de modo racionalista, descrita com a linguagem referencial, mas sim através de uma linguagem alegórica, possibilitando múltiplas interpretações em um só caminho poético.

CONCLUSÃO

Consideremos aqui ser Cecília Meireles uma tradicional viajante, que conduz as viagens por meio de seu olhar. Ela frui do itinerário ao reinventar a vida por meio de relíquias. Suas viagens não são somente concretas, como as viagens que se fazem, mas também abstratas, como as que se sonham.

O próprio percurso da viagem é realizado por ela com plenitude, pois como ela mesma diz, suas viagens são pretextos para meditações, para a busca da essência. Ela sabe que toda essa materialidade do mundo visível é efêmera, por isso não sofre no deslocamento da viagem, ao contrário, contempla-o, desprendendo-se do que é mutável e dirigindo-se ao sagrado, ao eterno com seu tempo infinito, onde o que resta do ser humano são somente recordações.

Nos relatos analisados, o misticismo se faz presente por meio das simbologias que os abarcam, presente além do espaço-tempo e da concretude que os envolve, deixando-nos mensagens emblemáticas. As viagens de Cecília Meireles têm esse caráter simbólico porque permitem duas leituras: uma superficial, das descrições de lugares históricos distantes; outra intrínseca, do ausentar-se do mundo e do que nele te prende aos desejos e ao sofrimento para a elevação filosófica da consciência.

A região desconhecida que Cecília Meireles adentra é o seu estado onírico, o seu sonho particular. Para ela, os objetos, lugares, monumentos ou paisagens eram verdadeiros símbolos, possuindo significados que estavam além do que era visto como concreto, já que o que representavam não estava mais ali naquele plano material, pois já eram só recordações.

Cecília volta deste percurso mitológico trazendo um presente para a coletividade: a narrativa didática da elevação da alma. Mas "por que tentar tornar plausível, ou mesmo interessante, a homens e mulheres consumidos pela paixão, a experiência da bem-aventurança transcendental?" (CAMPBELL, 2007, p. 215). Porque atualmente as pessoas não sabem o que fazer para encontrar consigo mesmas ou se livrar de suas angústias. Campbell (1990) enfatiza que antigamente as pessoas sabiam exatamente o que fazer, isto porque elas eram inspiradas por poetas e grandes pensadores. Hoje, este estudioso afirma que para muitos as inspirações vêm das celebridades, por isso os conflitos existenciais.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, L. (Org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007, p. 13-32.

BRASIL, F. *Cecília Meireles no jardim dos fugitivos de Pompeia*. Tucuuruí: Francirleicartoon, 2021.

_____. *A aeridade de Cecília Meireles*. Tucuuruí: Francirleicartoon, 2021.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

_____. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athenas, 1990.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 2. ed. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *O mito do eterno retorno*. Tradução de Pola Civelli. Rio de Janeiro: Perspectivas do Homem; 70, 1969.

_____. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1991.

GOUVEIA, M. As viagens de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, L. V. B. (Org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007, p. 111-127.

LÔBO, Y. *Cecília Meireles*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.

MEIRELES, C. *Crônicas de viagem 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.



_____. *Crônicas de viagem 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Crônicas de viagem 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PLATÃO. *A república*. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2017.

ROMANO, L. C. *A poeta-viajante: uma teoria poética da viagem contemporânea nas crônicas de Cecília Meireles*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2014.

